

Educação e consciência são a chave para a preservação da cultura indígena no Brasil, defende índio pataxó

Para Tohõ Pataxó, a cultura indígena precisa ser reforçada e ampliada nas escolas; “somos a história viva”

Responsável pela construção da identidade brasileira, a cultura indígena está presente em diferentes elementos, desde a religião até a gastronomia. No mês em que se comemora o Bicentenário da Independência, refletir sobre o valor desta cultura é uma oportunidade de mergulhar nas raízes do nosso país.

Para Tohõ Pataxó, líder da comunidade Pataxó Pedro Monte, localizada no Parque Nacional do Monte Pascoal, no sul da Bahia, é preciso que o povo brasileiro aprenda a conhecer a cultura indígena para além dos livros. Ele observa que o conhecimento em sala de aula é bastante tímido ainda, já que as escolas não abordam a cultura indígena com a devida profundidade.

“Nos últimos 200 anos, as escolas públicas e privadas pouco têm levado o conhecimento da cultura indígena para o povo brasileiro. É preciso valorizar cada vez mais. Não basta saber que existe, mas saber que o país que chamamos hoje de Brasil é todo indígena. O nosso povo precisa ter essa consciência de naturalidade porque, quando o homem branco chegou, a gente já estava aqui”, ressalta Tohõ Pataxó.

Muitas perdas aconteceram entre os povos indígenas – tanto territorialmente, quanto culturalmente. Mesmo sendo a população mais antiga do país, poucos conseguiram sobreviver e preservar seus espaços.

Na comunidade em que Tohõ é líder, vivem 60 famílias, o que equivale a aproximadamente 200 pessoas. Em todo o território nacional são mais de 300 povos indígenas, com 274 línguas distintas. Para resgatar e manter viva tanto a cultura quanto seu habitat, foi necessária uma batalha visceral. “Lutamos pela vida, pela garantia de sobrevivência de todos os povos. Vivemos em uma grande floresta, com 22 mil hectares. Não podemos plantar e nem alterar nada. A gente somente preserva. A luta para preservar é por nós mesmos, indígenas, e também para todos os povos, porque trata-se do ar que respiramos. E as pessoas não-indígenas precisam aprender a respeitar essa preservação e a nossa luta”, defende Tohõ.

Dados do *International Work Group for Indigenous Affairs (IWGIA)*, 2015, mostraram que até meados dos anos 70, no Brasil, acreditava-se que o desaparecimento dos povos indígenas fosse algo inevitável. Já nos anos 80, observou-se uma tendência de reversão da curva demográfica. Desde então, a população indígena no país tem crescido de forma constante, sinalizando uma retomada demográfica – apesar de alguns povos específicos terem não só diminuído, mas também entrado para a lista de ameaça de extinção.

Tohõ Pataxó alerta para o atual momento sensível vivido por sua comunidade, justamente pela ausência de informação de boa parcela da população, incluindo líderes de instituições públicas e privadas. “A escola é a principal fonte de conhecimento, inclusive da cultura indígena. É preciso educar para que a população aprenda a respeitar costumes, culturas, florestas, espécies e o próprio ser humano. Mas o que vemos acontecer, desde 1500, é um distanciamento da cultura do nosso povo. E isso é ruim, porque não estamos somente nos livros. Existiu e existe índio no Brasil. Nós somos a história viva do nosso país”.

Em 2020, a Funai – Fundação Nacional do Índio – revelou a existência de pelo menos 70 tribos indígenas vivendo em locais totalmente isolados. Apesar da importante diversidade existente, são encontrados pontos de conexão na cultura indígena, sendo o principal deles o respeito e cuidado com a natureza, de onde retiram o sustento, abrigo e proteção.

“Ser humano é viver em harmonia com a natureza. Não é viver destruindo a mãe natureza. As pessoas precisam ter essa consciência e essa vivência, porque quem só quer o recurso sem preservar, não ama de fato a natureza. É preciso resgatar a harmonia dos povos com a mãe natureza”, finaliza Tohõ.



Tohõ Pataxó é um índio pataxó, líder da comunidade Pataxó Pedro Monte, localizada no Parque Nacional do Monte Pascoal, no sul da Bahia. A comunidade foi criada em 19/08/1999, e atualmente conta com 60 famílias que cuidam das florestas, preservando a fauna e a flora.